



Volume 11 – Número 26
DOSSIÊ: ESPIRITUALIDADES INDÍGENAS
doi: [10.25247/paralellus.2020.v11n26.029-044](https://doi.org/10.25247/paralellus.2020.v11n26.029-044)

RELIGIOSIDADE INDIGENA NAS AMÉRICAS

INDIGENOUS RELIGIOSITY IN AMERICAS

Clarice Novaes da Mota^{*}

RESUMO

Muito se tem falado sobre religiões indígenas, possivelmente numa tentativa da compreensão sobre as culturas dos povos nativos das Américas. Neste artigo, procuramos ter uma visão geral sobre esta questão, analisando-se não só os povos nativos do Brasil, mas, por consequência, os dados obtidos sobre religiosidade entre os descendentes dos povos originais das Américas, do Norte, Central e do Sul, não só para ter uma compreensão mais geral e clara sobre os sistemas de crença dessas culturas, mas também avaliando-se as similaridades e diferenças entre tais sistemas antes e depois das invasões europeias, quando novas crenças, tanto religiosas quanto gerais, foram sendo impostas sobre esses povos. Em primeira instância, procuramos analisar as diferenças entre o que se denomina como religião e o que se entende como espiritualidade, chegando a concluir que os sistemas de crença nativos se baseiam muito mais numa espiritualidade original, ou seja, uma ligação maior com o que entendem como espíritos da natureza, do que em religiões portadoras de dogmas e que determinam uma separação rígida entre o sistema de crenças e estado político em uma mesma sociedade. Concluimos, portanto, que os indígenas ancestralmente procuram e se adaptam a crenças em espíritos da natureza, os quais lhes permitem um estado de ser e de comportamento especial, que dão sentido a suas vidas, a suas relações tanto intra quanto extratribais, sendo tais crenças seguidas tanto individual quanto coletivamente, mas não são caracterizadas como imposições dogmáticas. Atualmente, as práticas espirituais tradicionais continuam mescladas com as práticas religiosas contemporâneas tanto de europeus brancos como de africanos negros, embora tendo sido banidas e desconstruídas de sua autenticidade pelos conquistadores europeus. Neste trabalho, portanto, nos debruçamos sobre casos específicos de religiosidade entre nativos tanto do Norte, quanto do Centro e do Sul da

* Doutora em Antropologia Social, pela *University of Texas System* (1986), pós-doutorado em Etnobotânica, na *University of California at Berkeley* (1991). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Etnobotânica Médica, Antropologia da Saúde e Antropologia do Meio-Ambiente. E-mail: claricedamota@gmail.com.



América ou das Américas, focalizando os Maias da Guatemala, os Laika do Peru e os Xocó e Kariri-Xocó do Brasil. *En passant*, falaremos também sobre os nativos americanos dos Estados-Unidos e do México.

Palavras-chave: Palavras-chave: Crença. Nativos. Práticas. Ritual.

ABSTRACT

A lot has been said and written about native religions, possibly in an effort to better understand the cultures of native peoples in the Americas. In this work we are searching for a more general vision about this question, analyzing not only the native peoples of Brazil, for instance, but also the data obtained about religiosity among the descendants of the original peoples of the Americas, North, Central and South, not only to obtain a d clearer and more general understanding about the belief systems of these cultures, but also to evaluate the similarities and differences among such systems before and after the European invasions, when new beliefs, religious and in general, were being imposed upon the native peoples. First, we wish to analyze the differences between what is being known as religion and what is understood as spirituality, coming to conclude that the native belief systems are based rather on an original spirituality, or rather that there is a larger tie with what they understand as nature's spirits, than on religions which carry on dogmas as that determines a rigid separation between belief system and political state in the same society. We came to the conclusion that indigenous peoples, through their ancestors, search for and are adapted to believe in nature's spirits, which allow them to live in a special state of being and behavior. This gives them meaning to their lives, and to their both inter as extra tribal relations, as such beliefs are followed both individually and collectively, meanwhile not being characterized as dogmatic impositions. Nowadays, traditional spiritual practices are mixed with contemporaneous religious practices among white Europeans as well as black Africans, though these have been banished and denied of their authenticity by the European invasors. In this work, therefore, we examine specific cases of religiosity among antive peoples in the North, Central and South America, focusing on the Guatemalan Mayas, the Peruvian Laika and the Xoco and Kariri-Xoco of Brazil.

Keywords: Belief. Natives. Practice. Ritual.

OBJETIVOS

1. compreender as razões pelas quais a questão da religiosidade se tornou artigo de importância fundamental durante os processos de conquista de territórios e colonização da população nativa nas Américas;
2. analisar e compreender como crenças nativas são baseadas muito mais nos aspectos da espiritualidade do que em dogmas e processos religiosos;
3. analisar como tais crenças originais foram e continuam sendo bastiões da identidade étnica dos povos nativos e seu comportamento ante as frentes civilizatórias das quais continuam sendo vítimas e não cúmplices;
4. compreender como as religiões das chamadas sociedades civilizadas, em suas diferentes correntes e de acordo com suas contradições inatas, impulsionam as atuais

culturas nativas, ainda em existência, à destruição e ao aniquilamento de suas culturas enquanto autônomas e diferenciadas.

1 INTRODUÇÃO

A presença de missões religiosas cristãs entre os povos indígenas do país é, sabemos, uma realidade antiga, que se iniciou no momento mesmo da colonização do Brasil pelos portugueses. O quadro atual em que ocorre esta presença é complexo e envolve um conjunto muito heterogêneo de missionários. A evangelização dos povos indígenas não é uma preocupação exclusiva da Igreja Católica, mas, também, de uma miríade de agências religiosas protestantes. Estas, por sua vez, reproduzem no contexto da missão entre os índios as suas características de agentes religiosos relativamente independentes, multiplicando-se em diversas igrejas e denominações, com as respectivas diferenças em sua teologia, modo de atuar, converter.

Quando os europeus chegaram, supostamente “por erros de navegação”, às terras dos 3 continentes que vieram a ser chamados de América, ali encontraram vários grupos humanos que, apesar de terem os mesmos físicos e mecanismos que os civilizados europeus, eram, no entanto, fundamentalmente diferentes deles, tantos em gestos quanto em linguagem, vestimentas e modos de vida.

Alguns povos, como os Maias, as tribos espalhadas pelo México e o que depois veio a ser conhecido como América Central, estavam em um estágio civilizatório mais complexo, tinham construído grandes monumentos, pirâmides, estradas, vestimentas, apresentando formas de subsistência compatíveis como seus modos de vida. No reino Inca, que corresponde aos atuais Equador e Peru, também encontraram sociedades bastante sofisticadas, com construções de alto teor nas quais enormes pedras eram encaixadas formando paredes poderosas sem o uso de algo como cimento, além de técnicas inovativas de uso da terra, tais como as terraças nas íngremes montanhas do planalto andino.

Enquanto isto, na chamada terra de Santa Cruz (hoje, o Brasil) ao leste da América do Sul, os nativos andavam seminus e suas casas eram frágeis construções de palha e madeira, não existindo nenhuma construção majestosa, e nem se enfeitavam com ouro e prata como seus vizinhos a oeste dos Andes. Tanto uns quanto

outros estavam destinados a servirem como mão de obra barata ou grátis para os europeus que invadiam suas terras. Isto não só porque a Europa precisava se expandir em seus mercados e produtos, mas, também, porque se sentiam cabalmente superiores a esses “índios” (assim chamados por Colombo, um dos primeiros descobridores que pensava ter chegado no reino da Índia).

O modo de vida de tais “índios”, no entanto, lhes era completamente irreconhecível e sua fala mais ainda. Perceberam, no entanto, sua fragilidade: esses seres eram amigáveis e, a princípio, facilmente se deixavam explorar, isto porque, sem que os europeus se apercebessem disso, tais nativos acreditavam que aqueles estranhos nada mais eram que seres espirituais, ou deuses enviados de outras terras para conviver com eles e ensinar-lhes algo de valor sobre a vida na terra, até se aperceberem de que eram, sim, destruidores de seus modos de vida e usurpadores de suas riquezas materiais e suas terras.

Mas o processo da invasão já estava avançado quando se deram conta da verdadeira intenção daqueles que tinham finalmente se mostrado seus inimigos. Uma das razões pela qual os indígenas foram derrotados, resultava exatamente desta crença de que os estrangeiros eram seres divinos, porque tinham resistido às gripes fatais que os europeus trouxeram em seus corpos, para as quais eles, introdutores das doenças, tinham já adquirido anticorpos, enquanto que os indígenas morriam como moscas quando infectados com a gripe, a influenza, a gonorreia e outras doenças infecciosas até então não conhecidas entre eles.

Isso queria dizer, em sua razão religiosa, que os estranhos eram escolhidos pelos deuses, lhes eram superiores em termos energéticos e metafísicos, enquanto eles, sendo inferiores, precisavam se submeter àqueles seres. Os deuses os haviam abandonado! Por isso, a sua resistência era tão fraca. Os poderosos que se obstinavam em não os aceitar foram presos e executados, tais como Atalhualpa, rei dos Incas, que atirou ao chão a Bíblia que lhe fora dada por um padre espanhol na chegada de Pizarro ao território Inca, provocando, assim, a ira dos invasores que o prenderam e, subsequentemente, o executaram.

Tanto no território dominado pelos espanhóis como nas terras controladas por Portugal, o que se deu foi um processo civilizatório entremeado de guerras,

submissões, execuções, mas, também, como um processo de colonização a partir de um plano de educação religiosa voltado basicamente para as crianças das tribos invadidas, que foram forçadas a não só aprenderem a língua dos dominadores, como a se tornarem fiéis do Catolicismo dominante na Europa e, assim, foram sendo reduzidos a fiéis servidores de seus algozes, tanto em suas tarefas diárias como em suas crenças.

Conseguiram escapar deste destino os indígenas que fugiram para o interior das matas e se congregaram na região ao norte do Rio Amazonas, onde a selva amazônica servia de esconderijo para uma multitude de grupos que, até pouco tempo atrás, sobreviviam completamente sem contato com as sociedades nacionais que vieram a se solidificar nos territórios da América do Sul.

Aqui, portanto, verificamos que a religiosidade nativa tanto no Brasil quanto nas demais terras invadidas pelos espanhóis, onde o trabalho de padres católicos, trazidos junto com os invasores guerreiros, provocou grandes transformações nos modos de vida dos nativos, juntamente com suas formas de crença espiritual.

No entanto, o que nos interessa neste trabalho é exatamente mostrar que, apesar de todo o aparato supostamente civilizatório que os europeus despejaram sobre os nativos americanos (lembrando que, nos Estados Unidos, não foram os católicos, mas, sim, ingleses protestantes que se apressaram a mudar a religiosidade dos nativos no norte das Américas). Apesar de todo este esforço de escravização dos povos nativos através da educação e da catequese cristãs, estes mesmos nativos formaram frentes de repúdio e de autocontrole de suas vidas, através de suas crenças espirituais, as quais, nos dias de hoje, encontram respaldo e se espalham até mesmo entre as populações ditas civilizadas dos não-nativos, sendo aceitas e celebradas entre vários descendentes dos primeiros imigrantes nas terras do continente americano.

O propósito deste trabalho, portanto, é analisar como o cerne de tais crenças espirituais e suas formas cerimoniais, se aprofundaram como itens de autoidentidade étnica entre várias tribos nativas em todas as Américas, servindo para sua resistência e sobrevivência. Aqui nos debruçaremos sobre dados obtidos entre tribos brasileiras do Nordeste do país, tribos peruanas no alto dos Andes, ou o conhecido Vale Sagrado

da região de Machu-Pichu e Cuzco, os Maias da região de Yucatan, no México e na Guatemala, e alguns dados obtidos entre representantes de tribos nativas dos Estados Unidos, notoriamente Lakota e Cherokee.

2 RELIGIAO E ESPIRITUALIDADE

Há que se observar que religião e espiritualidade são dois conceitos, ou duas práticas, diferentes uma da outra. Enquanto pode acontecer que haja espiritualidade nas religiões, sem sempre a tendência à espiritualidade por parte de um povo pode ser considerada uma religião. Tanto religião quanto espiritualidade florescem com base em um conjunto de crenças, nas quais existe a ideia do sagrado, organizando-se, portanto, em torno de um conjunto de divindades e de condutas que levam o povo que crê a adotar certos hábitos, condutas e cerimoniais em torno de tais crenças e seres ligados à ideia de divindade sacra.

Há, nas religiões, no entanto, uma forte tendência à formação de dogmas que antecedem as condutas e crenças impostas pelos representantes de um clero formalizado e, por vezes, distante do povo seguidor, que se nutrem de uma obediência cega aos mandos e desmandos de tal clero formal, dando lugar a uma obediência inquestionável às ordens formalizadas pelo clero que se considera superior e à parte do resto da população.

No hemisfério Leste, assim como nos países europeus, tal formalismo toma formas repressoras que tendem a organizar grupos de seguidores fanáticos do que consideram a “verdade infinita e eterna” de um deus ou deuses que são, na verdade, implacáveis em suas ordens e julgamentos.

Os povos nativos, no entanto, aprenderam com seus antepassados a nutrir respeito e amor às suas divindades, impulsionados por crenças na espiritualidade universal, na qual plantas, animais, humanos, pedras, água e ar são evidências de um universo sagrado e real que surge não para dominar ou julgar, mas, para amenizar, regozijar e surpreender seus seguidores com alegria, prazeres e leveza de ser em liberdade.

Alberto Villoldo, antropólogo norte-americano, explica que:

O xamanismo é uma tradição espiritual que existia mesmo antes da religião, e sua sabedoria é muito antiga. Alguns estudiosos consideram que as religiões atuais são uma codificação dos ensinamentos dos antigos xamãs. Todas as tradições espirituais, incluindo o xamanismo, estão baseadas em experiências vividas não em textos sagrados ou nas experiências de outros. Religião, por outro lado, se baseia em fé e crença, não em experiência (VILLOLDO, 2018, p. 13).

Torna-se fundamental entender este princípio básico do sistema de crenças de tribos nativas nas Américas: suas crenças se baseiam em experiências vividas, na luta diária, no êxtase resultante do consumo de plantas sagradas como a ayahuasca, o peyote e a jurema, consideradas pelos nativos que as cultuam como “plantas professoras” que lhes ensinam os caminhos a seguir e o sentido de suas vidas. Com base nesses mestres sagrados é que conseguiram vencer a batalha anticolonialista, que tentava extinguir sua identidade enquanto seres livres das matas e das montanhas, dos rios e das cachoeiras, tornando sua adoração à natureza uma obediência cega aos desígnios criados por europeus e outros estrangeiros que vieram às suas terras, demandando sua força de trabalho e suas riquezas naturais.

3 OS MAIAS

Jean Molesky-Poz, uma pesquisadora norte-americana que conhece muito bem os Maias da Guatemala, não só porque casou com um deles, mas, também, por ser uma notável pesquisadora que desenvolveu, *in loco*, brilhante trabalho sobre os “Maya Kiche” diz o seguinte:

A sombra tirânica que veio do Norte com a invasão de Pedro de Alvarado, em 1524; a imposição do Catolicismo espanhol durante o período colonial; a introdução do Protestantismo durante os anos liberais de anticlericalismo de 1870-1926; os projetos da Ação Católica nos anos 50; e as mais recentes missões exportadas dos EUA, que deram início a um crescimento expansivo do Protestantismo evangélico desde os anos 70 (...) tal trajetória política e religiosa tentou inscrever sua própria construção de saber e poder sobre os povos indígenas. Discriminação religiosa e conflito marcaram a história em caminhos distintos e, por vezes, extremos. As respostas das comunidades indígenas a tais projetos têm sido variadas, e profundamente complexas (MOLESKY-POZ, 1976, p. 01) (Tradução da autora).

Assim, a Professora Jean Molesky-Poz explica com detalhes quais foram os incidentes que levaram os Maya dos altiplanos da Guatemala a não só sofrerem todas as influências da colonização espanhola e da intromissão norte-americana mais recente, mas, também, a se manterem fiéis a seu legado religioso-espiritual até os dias de hoje, dando lições de autenticidade e orgulho étnico a seus descendentes e seguidores da sua espiritualidade ancestral. A identidade cósmica dos Maia atuais é, assim, decodificada para nosso maior entendimento não só de suas bases cognitivas, mas de sua luta para a manutenção desses códigos de sabedoria, bem como sua fidelidade às crenças ancestrais que os guiaram na resistência à dominação estrangeira.

Fica esclarecido, na citada obra de Molesky-Poz, como os Maias, das montanhas, foram capazes de manter suas crenças e práticas ancestrais apesar da imposição do Catolicismo através dos séculos da ocupação colonial espanhola na Guatemala. As comunidades altiplanas foram capazes de desenvolver ensinamentos religiosos e rituais relativamente livres dos controles da hierarquia católica.

Em algumas comunidades, 45 a 80% da população segue as práticas tradicionais, enquanto em outras somente 5 a 10% conservou suas práticas Maya tradicionais. Isso quer dizer, inclusive, que há diferenças na conservação de crenças tradicionais e suas práticas dentro de uma mesma aldeia. Por outro lado, houve períodos históricos em que comunidades inteiras guardaram segredo de suas práticas ancestrais de adoração aos deuses que os europeus denominaram de “pagãos”.

A emergência pública da espiritualidade Maya ancestral da época se situou, principalmente, nas regiões montanhosas da Guatemala ocidental contemporânea, onde sobrevivem 12 milhões de habitantes, dos quais 60%, aproximadamente, falam 22 línguas diferentes de seus ancestrais (MOLESKY-POZ, 1976, p. 2).

4 LAIKA, OS SHAMANS PERUANOS

Os grupos indígenas do altiplano peruano sofreram a invasão espanhola no início do século XVI, durante o apogeu do Império Inca que abarcava o que hoje são o Equador, Peru e Bolívia. Viviam em relativa paz sustentando-se não só da agricultura, também da exploração do ouro e da prata abundantes em suas regiões. Os Incas eram os reinantes que ocupavam lugares de poder. Comandavam as

sociedades indígenas locais de diversas origens as quais falavam idiomas diferentes e viviam em locais distantes uns dos outros, mais afastados do litoral e adentrando a grande cadeia de montanhas hoje conhecida como os Andes.

Com a vitória dos espanhóis sobre as diversas tribos e a consequente extinção do Império Inca, viu-se ali, também, a intromissão da religião católica dos espanhóis, que, tal como haviam feito no México e na Guatemala, trataram de construir igrejas e templos católicos em cima dos monumentos nativos como pirâmides e templos edificadas a seus deuses da natureza. Não conseguiram, no entanto, derrubar e esconder os numerosos monumentos de grande poder material e espiritual, posto que alguns foram encobertos pelas matas para serem descobertos séculos depois e, hoje, são ovacionados e conhecidos mundialmente como símbolos de uma sabedoria e conhecimentos do universo, superiores até mesmo aos das civilizações europeias.

Desses grupos ancestrais, destacamos os Laika que, a partir da dominação estrangeira, se refugiaram nas partes mais altas da cadeia da Cordilheira dos Andes, sobreviventes da era dos Inca, assim como uma parte se adentrou na floresta amazônica ao leste da cordilheira. Tornaram-se orgulhosos servidores da natureza que os salvou do extermínio e que ainda os cerca, a qual idolatram com sabedoria e prazer. Eles construíram um sistema médico próprio pelo qual, através dos séculos, curam males físicos e espirituais e, hoje, fazem parte do currículo de uma sabedoria médica ancestral sintetizada pelo Doutor Alberto Villoldo em seu trabalho atual, em escola por ele criada, conhecida como “Four Winds Society”. Assim o Doutor Villoldo fala do sistema conhecido como xamanismo:

O xamanismo é uma tradição espiritual que existiu antes da religião, e sua sabedoria é muito antiga. Alguns estudiosos consideram as religiões de hoje como codificações dos ensinamentos dos antigos xamans (VILLOLDO, 2018, p. 13).

Subsequentemente Villoldo explica que:

O caminho dos Andes é árduo, porque os índios de lá tiveram que transformar o pesadelo da conquista espanhola em um presente e uma oportunidade. Eles tiveram que aprender a perdoar seus inimigos, aqueles que tinham violentado suas mães e avós.

O caminho do Amazonas requer um professor vivo que pode te ajudar a navegar através dos reinos dos ancestrais e de quem ainda não

nasceu. Os seres que você encontra ao longo do caminho te ajudam a descobrir a Luz Primordial e encontrar seu sonho sagrado. Eles podem te ajudar com experiências que sempre contradizem as crenças que tinham te ensinado antes (VILLOLDO, 2018, p. 17).

Atualmente, os Laika e os Q'ero, remanescentes dessas regiões longínquas são os principais professores de um xamanismo tradicional que se utiliza de práticas baseadas em suas experiências e crenças ancestrais sagradas, bem como do uso de plantas consideradas mágicas e professoras, tais como a ayahuasca da selva amazônica.

Essas tribos não apenas sobreviveram à colonização espanhola; elas também se estabeleceram como donas de seu próprio saber e modo de vida, inspirando muitos ocidentais que, avidamente, buscam conhecimentos sobre suas práticas xamânicas espirituais.

5 CATÓLICOS (E PROTESTANTES) NO BRASIL INDÍGENA

A presença de missões religiosas cristãs entre os povos indígenas do país é, sabemos, uma realidade antiga, que se iniciou no momento mesmo da colonização do Brasil pelos portugueses. O quadro atual em que ocorre esta presença é complexo e envolve um conjunto muito heterogêneo de missionários, incluindo, mais recentemente, protestantes de diversas denominações, pois a evangelização dos povos indígenas não é uma preocupação exclusiva da Igreja Católica, uma vez que também ocupa uma miríade de agências religiosas protestantes. Estas, por sua vez, reproduzem, no contexto da missão entre os índios, as suas características de agentes religiosos relativamente independentes, multiplicando-se em diversas igrejas e denominações, com as respectivas diferenças em sua teologia, modo de atuar e converter novos fiéis. Inclusive, prestaram um bom serviço ao estudarem e codificarem as línguas nativas para poderem, subsequentemente, traduzir a Bíblia nas línguas nativas e, assim, darem maior impulso ao processo de cristianização de povos por eles considerados como “pagãos” ou despidos de fé religiosa.

O antropólogo Marcos Rufino escreve, em livro acerca dos povos indígenas do Brasil, sobre os trabalhos e impactos das missões religiosas entre os indígenas brasileiros mais recentemente. Ele aponta que,

no caso brasileiro, as tribos que se mantiveram – ou tentaram sobreviver – no litoral do Oceano Atlântico sofreram amplamente com não só as doenças trazidas pelos imigrantes europeus, como com as guerras provocadas por sucessivas invasões, primeiro pelos portugueses que já se consideravam donos daquelas terras, como depois pelos holandeses ao norte e os franceses do sul e norte. Os europeus em guerra uns contra os outros, se utilizavam amplamente do apoio das tribos ainda remanescentes no litoral, em troca de suposta liberdade (RUFINO, 2000, p. 158).

Enquanto isto, os jesuítas, que vieram para o Brasil em meados de 1549, portanto, meio século após a primeira chegada dos portugueses, construíram um verdadeiro poder ao colonizar ditas tribos através da educação de crianças indígenas, incluindo a catequese católica, e, assim, formando um verdadeiro cataclisma nos sistemas de crença e modos de vida dos indígenas que, aos poucos, foram perdendo suas terras, língua e cultura, assim como sua liberdade.

Os jesuítas liderados por Manoel da Nóbrega chegaram à colônia Brasil em 1549, junto a Tomé de Sousa, o primeiro governador-geral enviado por Portugal. A principal função dos jesuítas, ao virem ao Brasil, era evangelizar, catequizar e tornar cristãos os indígenas que habitavam estas terras. Na Europa, o objetivo dos jesuítas era evitar o aumento do número de protestantes. A Companhia de Jesus havia sido fundada em 1534, pelo militar Inácio de Loyola, no contexto da Reforma e da Contrarreforma religiosa. Na colônia, pretendiam também impedir que os protestantes realizassem a catequização indígena (AZEVEDO, 1976, p. 48)

Vejamos, então, que a realidade da invasão portuguesa no solo do Brasil dos nativos foi, realmente, dedicada à catequização dos indígenas para transformá-los em mão de obra subserviente, falando português e se submetendo às mudanças nos hábitos culturais que lhes permitissem ser fiéis ao governo do Rei de Portugal. Aos indígenas foi permitido sobreviver em parte de suas próprias terras, desde então consideradas dos portugueses, contanto que se submetessem às suas ordens e trabalhassem para o benefício da coroa portuguesa e não para sua própria sobrevivência e a de seus filhos.

No entanto, pouco a pouco foram sendo exilados do espaço territorial que ocupavam; várias tribos, portanto, perderam suas aldeias de origem, assim como perderam seus elos ancestrais de identidade étnica, sua linguagem, sua história e as perspectivas de um futuro pacífico para seus descendentes. Algumas tribos foram capazes de manter seus aspectos étnicos, especialmente aquelas que eram

originalmente migratórias e, portanto, foram capazes de mover-se rapidamente para fora do alcance dos padres e demais invasores de terras, tais como os Guarani do sul do país, que conseguiram manter seus idiomas ancestrais enquanto perambulavam pelas terras dominadas em busca da mítica “terra sem males”.

Nas missões católicas contemporâneas, um aspecto crucial é estudado pelo antropólogo Marcos Rufino: a Teologia da Inculturação. Formulação teológica recente (a partir de meados dos anos 1980), ela se propõe a recusar a primazia ocidental e europeia do Cristianismo e a verificar, nas outras culturas, sinais da “Boa-Nova” que não estão visíveis na cultura do missionário. Essa abertura ao outro, busca trazer elementos, no caso, indígenas, para o Cristianismo. Rufino observa com detalhe a passagem e o debate entre duas teologias católicas: da Libertação e da Inculturação.

O conceito de “inculturação”, que o Dicionário Online de Português define como “aquisição gradual dos preceitos, dos hábitos, das normas e das características de uma cultura ou de um grupo por outra (cultura ou pessoa)”, aqui é usado de forma brilhante para ilustrar, com exatidão, como se deram os procedimentos que, na antropologia clássica, são conhecidos como “aculturação” mas, que, na realidade, servem para explicar um processo de retomada de consciência grupal de um eixo de conhecimento e reconhecimento da natureza de suas vidas, mudando-se para outro eixo, este, o dos dominadores políticos e culturais, para que a cultura original desapareça dando lugar a um amálgama de costumes, crenças e conhecimentos oriundos de outra experiência de vida chamada cultura, na qual os sujeitos desse processo passam a afirmar e conduzir-se em seu comportamento como membros fiéis de outro tipo de vida, induzidos por uma mudança drástica de consciência. A inculturação não é grátis, tampouco é modesta em seu preço, sendo, inclusive, uma forma de violência, pois exclui o livre arbítrio assim como o conhecimento histórico de uma vida comunitária, uma vez que os saberes ancestrais passam a ser percebidos como exóticos e imprestáveis para a conduta do ser na vida diária de um grupo.

6 OS XOCÓ E KARIRI-XOCÓ DO NORDESTE BRASILEIRO

Mais recentemente, no século 20, algumas tribos já consideradas extintas, dado o alto grau de miscigenação com as populações de negros trazidos como escravos e

de brancos vizinhos de suas aldeias transitórias, voltaram a se rebelar contra o destino injusto que se lhes foi imposto no processo de colonização e desmantelamento de suas raízes socioculturais, linguísticas e até mesmo espirituais. Lutaram, portanto, contra o processo de aproveitamento de sua força de trabalho de forma quase escravocrata, enquanto “meeiros” ou trabalhadores rurais nas fazendas que os europeus constituíram no que havia sido território indígena.

Este processo histórico de retomada da identidade étnica e cultural e de território dos antepassados foi bem ilustrado com a retomada de terras às margens do Baixo Rio São Francisco pelos bandos de antigos índios Xocó (por sua vez oriundos do amálgama de várias tribos sertanejas), assim como os Kariri-Xocó, respectivamente nos estados de Sergipe e Alagoas.

No processo de retomada da identidade e das terras, notavelmente, no caso dos Xocó, da Ilha de São Pedro, no Sergipe, ficou evidente o quanto ele mesmo significou para a revitalização e retomada das crenças religiosas e espirituais de seus antepassados, bem como para o usufruto de conhecimentos e cerimoniais sagrados em torno de plantas locais conhecidas como “plantas mágicas” pelos povos ribeirinhos da região, seguidores de religiões de origem africana como a Umbanda e a Santeria. Entre essas, notadamente, o uso da jurema (*mimosa hostili*), árvore encontrada naquela região e que fazia parte dos rituais da Umbanda e do Candomblé regionais.

Os Xocó de Sergipe passaram por uma forma de integração na sociedade regional colonizadora que lhes foi altamente prejudicial. Por quase um século foram forçados a negar e esquecer sua ancestralidade indígena. (...) foram obrigados a romper com suas ‘raízes ancestrais’ ou seus avós míticos. (...), mas no fim dos anos 70 eles se organizaram para retomar seus territórios nativos. Um século depois da perda da terra, os descendentes de nativos retornaram, como donos, a Ilha de São Pedro, no Rio São Francisco (MOTA, 2007, p. 24-25).

Os Kariri-Xocó, no entanto, reconquistaram suas terras ditas ancestrais através de uma luta contínua para tanto, pois continuaram vivendo nos entornos da terra de seus antepassados. O mais importante, para eles, foi retomar a posse do espaço sagrado por eles denominado “Ouricuri” que também é o título que dão ao cerimonial sagrado em torno do uso comunal da Jurema (*mimosa hostilis*), ritual que sobreviveu

ao Catolicismo que lhes foi imposto pelas ordens de padres católicos que ajudavam os colonizadores a tomarem posse das terras habitadas por nativos.

Os Kariri-Xocó se prezavam por terem sempre sido portadores de um segredo tribal que os emponderava para que continuassem vivendo dentro de uma realidade socialmente construída, pertencente a um mundo que, segundo eles, ninguém mais podia ver. Diziam inclusive que lhes era possível ficar invisíveis de acordo com sua própria vontade e serem, portanto, invencíveis. Seu segredo – o segredo do Ouricuri – é sua forma de oposição à dominação externa” (MOTA, 2007. p. 33).

Não obstante este apego ao segredo espiritual dos antepassados, os Kariri-Xocó, assim como os Xocó, tornaram-se católicos fervorosos, dedicados ao seguimento das práticas religiosas locais, participando ativamente de procissões e festas católicas. No entanto, sem nenhuma perda de quaisquer dos ritos religiosos, os Kariri-Xocó da margem esquerda e norte do Rio São Francisco mantiveram seu calendário místico que inclui os festejos em torno de seu segredo espiritual do uso da jurema, planta sagrada. Enquanto os Xocó da Ilha de São Pedro apenas mais recentemente, no fim do século XX, reconquistaram e reestabeleceram o seu ritual da Jurema com a reabertura de um terreiro usado somente para a festa sagrada. Tanto em Alagoas quanto no Sergipe esta festa marca o início de cada ano no calendário místico dos nativos, dentro do terreiro no qual todo e qualquer estranho aos grupos e a seu sistema de crenças é formalmente proibido de entrar. O cerimonial sagrado do uso e da partilha da Jurema tornou-se, portanto, um marcador da identidade étnica e um bastião da sobrevivência nativa naquelas terras.

Esta festa sagrada, que é compartilhada somente entre os habitantes da aldeia nativa e seus familiares de fora, tornou-se o símbolo da identidade étnica desses grupos de remanescentes nativos, símbolo e marca da resistência tribal aos processos de aculturação e inculturação, os quais produzem a perda da identidade nativa.

Apresentam, assim, traços marcantes da espiritualidade própria dos nativos das Américas, ao acreditarem não só na presença de espíritos das matas e rios, como também na sua experiência de convívio com os elementos sagrados de toda a natureza, pois estes são tidos como seres divinos. A divindade os acalenta e dirige

rumo a sua liberdade física, política e espiritual. A crença nas divindades naturais os sustenta na sua luta pela vida, propriedade e futuro de seus descendentes.

7 REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Diante das observações que realizamos durante as imersões nos territórios, para participação em vários rituais dos povos elencados neste estudo, fomos percebendo semelhanças entres alguns eventos e singularidades e distanciamentos em outros; a maior aproximação reside na crença de que o sobrenatural, o divino, interfere nos seus cotidianos e se materializa em elementos da natureza, de onde é potencializado por esses indígenas.

A presença e ação dos jesuítas lhes apresentou e impôs outras concepções de sagrado, mas não lhes anulou as peculiares crenças ou percepções. Acreditamos, com base nas observações feitas em campo, que símbolos, sentidos e significados foram estrategicamente remodelados, talvez como condição para não sucumbirem à força do colonizador.

Concluimos, portanto, que os indígenas ancestralmente procuram e se adaptam às crenças em espíritos da natureza, os quais lhes permitem um estado de ser e de comportamento especial, o que lhes dá sentido às vidas, às suas relações tanto intra quanto extratribais, sendo que tais crenças são seguidas tanto individual quanto coletivamente, mas não são caracterizadas como imposições dogmáticas. Atualmente, as práticas espirituais tradicionais continuam mescladas com as práticas religiosas contemporâneas tanto de europeus brancos como de africanos negros, embora tendo sido banidas e desconstruídas de sua autenticidade pelos conquistadores europeus.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos / INL, 1976.

MOLESKY-POZ, JEAN. **Contemporary Maya Spirituality: The Ancient Ways Are Not Lost**. Austin: University of TExas Press, 2006.

MOTA, Clarice Novaes da. **Os filhos da Jurema na Floresta dos Espíritos**: ritual e cura entre dois grupos indígenas do Nordeste brasileiro. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1997.

RUFINO, Marcos Pereira. Nem só de pregação vive a missão. In: **Povos Indígenas no Brasil, 1996/2000**. São Paulo: ISA, 2000.

VILLOLDO, ALBERTO. **The Heart of the Shaman**: Stories and Practices of the Luminous Warrior. USA: Hay House, 2018.